

A SOCIEDADE GAÚCHA NA ÓPTICA DE UM REBELDE: BREVE ESTUDO DE CASO

FRANCISCO DAS NEVES ALVES^{*}

RESUMO

Na virada do século XIX para o XX, muito do que se escreveu sobre a sociedade sul-rio-grandense foi fortemente influenciado pelos conflitos político-ideológicos e militares advindos da guerra civil disputada entre os castilhistas e seus opositores, entre 1893 e 1895. Os ódios e paixões partidárias se estenderiam além do confronto armado, inclusive no campo das letras. O médico federalista Ângelo Dourado esteve inserido nesse processo, e uma abordagem de alguns de seus escritos é o objetivo do presente trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Rio Grande do Sul, historiografia, sociedade, Ângelo Dourado

A Revolução Federalista deixaria seqüelas inexoráveis no seio da sociedade gaúcha, cujos efeitos deitariam raízes ao longo de toda a República Velha e mesmo além desse período. As disputas entre o castilhismo-borgismo e as forças oposicionistas alijadas do poder não se restringiram à guerra em si, a qual só serviu para agravar os conflitos de interesses intraoligárquicos. Os confrontos permaneceram sendo travados por meios variados, como no caso do uso da palavra escrita. Fosse através da imprensa, fosse pela publicação de opúsculos, folhetos, livretos ou livros de maior monta, a chama de rivalidades se manteria acesa através do poder das palavras. De ambos os lados apareciam escritores que advogavam uma ou outra causa, justificando o modo de agir dos aliados e deslegitimando as atitudes adversárias, numa pedregosa seara de tensão e revanchismo.

Ser castilhista/borgista ou federalista, pica-pau ou maragato, usar lenço branco ou vermelho não se restringia apenas a uma perspectiva daquilo que se poderia denominar de um “folclore político” no Rio Grande do Sul daquela época, pois, muito pelo contrário, trazia em si

^{*} Professor da FURG. Doutor pela PUCRS. Pós-Doutorado no Instituto de Cultura e Estudos Sociais – Portugal.

um significado bem mais profundo que impregnaria direta ou indiretamente o modo de ser dos sul-rio-grandenses como um todo, desde os articuladores da vida partidária – pertencentes à oligarquia – até os habitantes mais humildes, normalmente vinculados àqueles pelas tradicionais relações de clientelismo. Nesse ambiente, muitos foram os arautos de cada uma das causas em jogo, sustentando o maniqueísmo que marcou a produção intelectual de então, uma vez que o espaço para a neutralidade era exíguo e os escritores acabavam por alinhar-se ou com os governistas ou com a oposição.

UM ESCRITOR FEDERALISTA

Da guerra civil adviria uma série de entraves à vida econômica e social rio-grandense-do-sul, que teria de passar por um processo de reconstrução. As estruturas da sociedade gaúcha não sofreriam alterações bruscas com a Revolução, que significou apenas um rearranjo entre as oligarquias no poder, com a vitória do modelo castilhistas. As tradicionais relações de interdependência social da “peonada” para com os grandes latifundiários persistiria, uma vez que estes setores subalternos da sociedade não passaram de “bucha de canhão” naquele conflito intra-oligárquico. A guerra, no entanto, serviria para agravar muitas das circunstâncias que levavam à pobreza e ao fortalecimento das históricas relações de clientelismo e submissão social.

A realidade social do Rio Grande do Sul da época da guerra civil e do período pós-revolucionário foi retratada com detalhes por um dos participantes do confronto, o médico Ângelo Dourado, em alguns escritos sobre suas vivências no sul do Brasil, uns de natureza político-partidária, outros com ênfase na sua atuação profissional. Na maioria de suas obras encontrava-se uma das características à época recorrentes, o engajamento, quer seja, ao descrever os acontecimentos que gravitavam em torno do momento de conflagração, os autores adotavam o partidarismo, buscando legitimar as ações e o pensamento dos seus aliados e deslegitimar os dos adversários.

Ângelo Cardoso Dourado nasceu na capital baiana, Salvador, a 6 de outubro de 1856, e faleceu na cidade gaúcha do Rio Grande, a 23 de outubro de 1905. Formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1880, prestou serviços médicos ao Exército, vindo a deslocar-se para o Rio Grande do Sul e exercendo sua profissão na cidade de Bagé, onde manteve sua família e atingiu projeção política, chegando a ser Presidente da Junta Administrativa em 1890. Participou ativamente do movimento rebelde que sacudiu o sul do Brasil à época da formação republicana. Adepto dos revolucionários federalistas, Ângelo Dourado

emigrou para Melo, no Uruguai, onde também exerceu a medicina, e foi nomeado Coronel do Exército Libertador, como se autodenominavam as forças rebeladas, percorrendo as terras do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, com as tropas do chefe maragato Gumercindo Saraiva em suas empreitadas contra as forças governistas. Encerrada a revolta, permaneceu em terras rio-grandenses e exerceu a medicina em várias localidades gaúchas, como na cidade do Rio Grande, na qual foi médico oculista.

Além de médico, Dourado foi político, escritor e teatrólogo. Escreveu o drama *O médico dos pobres* (1876), a tese na Faculdade de Medicina *Operação cesariana* (1880), a narrativa *Voluntários do martírio* (1896), o drama *As minas de ouro* (1897), o livreto *Ophthalmia virulenta* (1899), o estudo *O impaludismo no Rio Grande do Sul* (1900), a coletânea de artigos *A situação política do Brasil* (1905) e o discurso *Reforma constitucional*, publicado postumamente (1912)¹. A mais conhecida obra do autor foi *Os voluntários do martírio: fatos e episódios da guerra civil*, publicada em 1896 pela Livraria Americana e reeditada já no século seguinte na forma de fac-símile, tratando-se de uma narrativa de vários dos acontecimentos da Revolução Federalista, retratados na visão de Ângelo Dourado. Já por outro lado, *Ophthalmia virulenta* foi um livreto publicado pelo escritor e mais vinculado à sua atuação como médico, mas no qual não deixava de apresentar sua perspectiva crítica sobre o *status quo* sul-rio-grandense. Um rapidíssimo olhar acerca de um aspecto de sua obra mais conhecida e um estudo do conteúdo daquele livreto permitem uma abordagem a respeito da visão de Ângelo Dourado sobre a sociedade gaúcha de então².

¹ A respeito da biografia e da produção intelectual de Ângelo Dourado, ver: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883. v. 1. p. 86; BOUCINHA, Cláudio. *O liberalismo e o romantismo de Ângelo Dourado*. Bagé: URCAMP, 1989; MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/IEL, 1978. p. 189; PEREIRA, Nal de Jaqueline Corrêa. As críticas de um federalista à conjuntura político-militar brasileira na virada do século. In: ALVES, F. N.; TORRES, L. H. (orgs.). *Ensaio de História do Rio Grande do Sul*. Rio Grande: FURG, 1996. p. 76-84; VELHO SOBRINHO, J. F. *Dicionário bio-bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1940. v. 1. p. 381; VILLAS-BÔAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense*. Porto Alegre: A Nacção/ IEL, 1974. p. 169-170.

² Trabalho realizado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *Sociedade e saúde pública no Rio Grande do Sul: ensaios históricos*. Rio Grande: FURG, 2005. p. 49-61; ALVES, Francisco das Neves. *Revolução Federalista e historiografia: um estudo de caso*. In: ALVES, F. N. (org.). *Historiografia e cultura no Rio Grande do Sul: ensaios históricos*. Rio Grande: FURG, 2007. p. 21-36.

BREVE OLHAR SOBRE UM ASPECTO NA OBRA *OS VOLUNTÁRIOS DO MARTÍRIO*

Os voluntários do martírio é uma obra típica de seu tempo, fortemente marcada pela identificação com um dos lados em luta, no caso, o dos federalistas³. Constitui um documento autêntico da bagagem de idéias, mitos e ressentimentos que impulsionaram os insurgentes, desde a fronteira gaúcha até o planalto paranaense, com uma épica retirada, exílios, novas invasões, até o encerramento do conflito⁴. O livro, uma emocionada crônica histórica sobre um conturbado período⁵, apresenta em suas informações fontes primárias para a reconstituição da história social da época da guerra civil⁶, as quais permitem reconstituir o cotidiano revolucionário no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Paraná⁷. Ainda que advogando a causa de uma das facções no conflito político-ideológico que então polarizava a conjuntura rio-grandense, o autor, para legitimar sua obra, lançaria mão de uma das estratégias discursivas mais usadas pelos escritores que então abordavam o tema, quer seja, a justificativa de que escreviam em nome de uma suposta “verdade histórica”.

A narração do escritor refletia sua ação como indivíduo engajado político-partidariamente e como médico e militar nas forças de Gumerindo Saraiva, de modo que, logo após o término da revolta, em 1896, Dourado publicava sua “narrativa da Revolução de 1893”, intitulada *Voluntários do martírio*. O autor buscava caracterizar sua obra, basicamente, pelo aspecto narrativo, afirmando que escrevia a impressão da ocasião, narrada a quem, como ele, teria sofrido, a quem tivera tanto amor à causa que defendia. Explicava ainda que nada modificara nas impressões que sentira originalmente, resolvendo então escrever, pois do contrário seria tirar das narrativas o único merecimento que tinham, ou seja, a narração dos fatos sob a impressão do momento. O escritor demarca ainda que aquele não era portanto um livro meditado, e sim um jornal de impressões, de modo que aquilo que apresentava seria compreendido pelos que lutaram com e contra ele

³ PICCOLO, Helga Iracema Landgraf. A Revolução Federalista no Rio Grande do Sul: considerações historiográficas. In: ALVES, F. N.; TORRES, L. H. (orgs.). *Pensar a Revolução Federalista*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1993. p. 69.

⁴ FRANCO, Sérgio da Costa. Apresentação. In: DOURADO, 1992, p. 9-10.

⁵ CESAR, Guilhermino. *História da Literatura no Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1971. p. 369.

⁶ FLORES, Moacyr. Historiografia da Revolução Federalista. In: FLORES, M. (org.). *1893-1895: a Revolução dos Maragatos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993. p. 126.

⁷ FLORES, Moacyr. Dramas e conflitos revolucionários. In: FLORES, H. A. H. (org.). *Revolução Federalista*. Porto Alegre: Martins Livreiro/Nova Dimensão, 1993. p. 35.

nos campos de batalha⁸.

Nesse quadro, Dourado justifica sua obra a partir de uma narração dos fatos “realmente” como aconteceram, o que seria “reconhecido” por aliados e adversários. Além disso, também considera a necessidade do distanciamento cronológico para uma explicação mais profunda dos acontecimentos entre 1893 e 1895. Nesse sentido, destaca que seu escrito não chegava a ser a *história do esforço popular rio-grandense* contra o poder esmagador que tentou asfixiá-lo, uma vez que seria cedo ainda para escrevê-la, tendo em vista que a tinta em que se deveria mergulhar a pena de fogo para fazê-lo deveria ser de justiça, e para isso seria preciso tempo, além do estudo de cada fato nas suas origens e de cada homem nos seus desejos⁹. Apesar de reconhecer possíveis falhas em detalhes de seu conjunto narrativo, o autor também caracteriza seus escritos como portadores de uma “verdade histórica”, destacando que talvez não fosse literalmente exato nos fatos que narrara, referindo-se àqueles episódios descritos por terceiros, porém, em relação aos que presenciara, seriam a “expressão da verdade”, e por eles deveria julgar verdadeiros todos os que lhe contaram¹⁰.

Assim, Ângelo Dourado julgava sua narração como a “expressão da verdade”, apesar de sua atuação como médico e militar junto aos revolucionários, bem a contento com as estratégias discursivas adotadas pelos escritores de então, fosse qual fosse o lado que defendesse. Desse modo, apesar da busca da “verdade” como pressuposto legitimador de suas obras, na maioria dos casos a história foi usada de modo utilitário e pragmático, para difundir os ideais dos grupos em conflito. Nessa linha, esses autores, de forma velada ou abertamente, ou ainda, de maneira não-intencional ou deliberada, expressaram suas concepções ideológicas, criando praticamente uma “verdade federalista”, em oposição a uma “verdade castilhistas”, ou vice-versa, de modo a desencadear-se um processo de “respostas” de parte a parte, gerando uma tendência de produção intelectual caracterizada pelo tom de posição no que tange aos assuntos partidários, a qual marcaria por longo tempo as obras sobre a Revolução Federalista.

Ao lado de *Os voluntários do martírio*, Ângelo Dourado entabularia outros escritos, publicados normalmente na forma de livretos, nos quais o autor alternava seu veio político-partidário, por vezes panfletário, com o do especialista nas artes médicas. Apesar das

⁸ DOURADO, Ângelo. *Voluntários do martírio*: narrativa da Revolução de 1893. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992. p. 1.

⁹ DOURADO, 1992, p. 1.

¹⁰ DOURADO, 1992, p. 421.

especificidades das obras, o médico não poderia dissociar-se do político, de modo que certas convicções, bem como as preocupações de fundo social, acabariam por vir à tona, ainda que nas entrelinhas do conjunto de seus escritos. Dourado era, assim, o médico preocupado com as moléstias e com as mazelas que atingiam a sociedade, insistindo na luta por arrancar o doente de seus males, buscando puxar o fio da saúde do emaranhado das doenças até a vitória final, como o coroamento de uma carreira difícil, cheia de horas de estudo, de frustrações e sacrifícios¹¹.

POLÍTICA E MEDICINA NA FORMAÇÃO DE UMA VISÃO CRÍTICA ACERCA DA SOCIEDADE GAÚCHA

Dentre os livretos publicados por Dourado, um dos menos conhecidos foi escrito sobre uma de suas especialidades, tendo por título o nome do mal que o autor considerava como peculiar aos casos que diagnosticara no Rio Grande do Sul, quer seja, *Ophthalmia virulenta*. Editado pela Livraria Rio-Grandense em 1899, este livro, ao tratar de um assunto específico, revelava alguns detalhes sobre a sociedade gaúcha do final do século XIX, com especial atenção para as condições de trabalho dos indivíduos cujas lides estavam ligadas à base da economia rio-grandense de então, a pecuária¹². Médico, cientista e homem com convicções políticas aliam-se e transparecem nas entrelinhas de *Ophthalmia virulenta*, revelando um olhar sobre a sociedade gaúcha.

Justificando sua obra, Dourado explicava que *oftalmia virulenta* era o nome que julgava mais apropriado para designar a modalidade mórbida que pretendia descrever e que supunha ter sua origem em produtos mórbidos de outros animais, sobretudo da raça bovina, porquanto os doentes que observara, ou se empregavam em trabalho pastoril ou se achavam sempre em contato com esses trabalhadores. O autor considerava a doença como desconhecida, ao menos em bibliografia, de modo que, ainda não estando bem estudada e não tendo

¹¹ ETZEL, Eduardo. *Um médico do século XX: vivendo transformações*. São Paulo: Nobel/EDUSP, 1987. p. 116.

¹² A afirmação sobre a pouca evidência da obra *Ophthalmia virulenta* prende-se ao fato de que nenhum dos mais conhecidos autores que lidaram com a biografia de Ângelo Dourado citaram esse livro, cujo exemplar aqui trabalhado encontra-se no acervo da Biblioteca Rio-Grandense da cidade do Rio Grande. A análise deste escrito de Dourado não pretende fazer qualquer incursão à temática específica da Medicina, não abordando questões técnicas ou elementos constitutivos da linguagem peculiar às artes médicas, mormente no que tange a sintomas, diagnóstico e tratamento, ou ainda no que se refere aos acertos ou não de Dourado em relação à doença que descrevia. O objetivo deste ensaio prende-se às preocupações de cunho social do autor ao apontar as causas da moléstia que estudava.

podido ele proceder aos estudos microbiológicos, para não realizar um estudo incompleto proponha-se apresentar o que era absolutamente indispensável em uma pequena memória no início de observações dessa natureza¹³.

Ainda demarcando os intentos de seus escritos, o médico relatava que a enfermidade infecciosa não parecia contagiosa, já que em alguns doentes ela apresentou-se em um só olho, e, apesar de carecerem estes indivíduos dos mais rudimentares cuidados higiênicos, o outro olho não fora afetado, e não se propagara a moléstia a ninguém, apesar da promiscuidade de vida em pequenas e más habitações, falta de asseio e até de ar nos aposentos do enfermo, e ainda, em alguns casos, até em íntimo contato, dormindo no mesmo leito, como uma doente que fora afetada poucos dias depois de ter casado¹⁴, demonstrando, desse modo, os estratos da sociedade mais sensíveis ao mal em estudo.

Refletindo suas preocupações sociais, Ângelo Dourado destacava que, a partir dos casos que observara, revelava-se o necessário interesse pelo estudo da doença e de suas causas, pois, sendo elas as que presumia, se não se acautelassem os trabalhadores da pecuária, poderiam ocorrer verdadeiras epidemias, que seriam desastrosas¹⁵. O escritor organizou seu livro destacando respectivamente os casos das pessoas que atendera, com ênfase à descrição dos sintomas, do diagnóstico e do tratamento. A narração sobre cada um dos afetados com a moléstia revelava certas características do contexto social em que eles viviam, normalmente ligado à pobreza ou a certa precariedade de recursos, ou ainda aos contatos com essa realidade.

O primeiro caso observado pelo médico foi o de um “fazendeiro” de quarenta e quatro anos, residente no município de Bagé, que nunca sofrera moléstia alguma dos olhos e achava-se em seu trabalho no campo, onde, diariamente, coureava reses que morriam em grande número. Explicava o autor que “courear” era o termo que se empregava para o trabalho de tirar o couro às reses que morriam de magreza ou moléstia, cuja carne não poderia ser aproveitada. Ao descrever a situação do paciente, Dourado destacava que o mesmo começara a sentir que os olhos se lhe inflamavam, chorando muito e, depois de lançar mão de tudo que se dizia ser bom para a *vista* e que, segundo outros, havia curado a muitos outros em *iguais circunstâncias*, resolvera procurar o médico o qual obteria bons resultados no tratamento¹⁶.

¹³ DOURADO, Ângelo. *Ophthalmia virulenta*. Rio Grande: Livraria Rio-Grandense, 1899. p. 1-2.

¹⁴ DOURADO, 1899. p. 2.

¹⁵ DOURADO, 1899. p. 2.

¹⁶ DOURADO, 1899. p. 2-6.

Outro doente diagnosticado por Ângelo Dourado foi descrito como um homem robusto, moço ainda, de cor negra, que se empregava no serviço de campo e de carretear. Preocupado em apresentar certos usos e costumes da sociedade sul-rio-grandense, o escritor destacava que o serviço de campo era o das indústrias pecuárias enquanto carretear era levar os produtos em carreta, puxada por muitos bois, para os centros comerciais, detalhando que estes produtos eram quase exclusivamente couros, aspas, crinas, lãs, entre outros, sendo que os couros eram em maioria tirados das reses mortas no campo e as demais dos gados vivos. O paciente tinha um olho bastante afetado, mas obtivera razoáveis melhoras após os cuidados de Dourado¹⁷.

Demarcando o momento em que estivera no Uruguai, à época da Revolução Federalista, o médico narrava que se achava na cidade de Melo, na República Oriental, como “imigrado político”, obtendo licença para exercer a sua profissão, enquanto durassem no Rio Grande os motivos que lhe obrigaram a fugir de sua pátria, diante do que a notícia de sua estada ali espalhara-se pela campanha, graças a algumas operações feitas com resultado. A partir dessas informações, Dourado foi procurado por um jovem de vinte e cinco anos de idade que se empregava no serviço do campo e em carretear e que fora atacado de violenta inflamação em ambos os olhos. Segundo o autor, o doente atribuía a sua moléstia a um “mau vento” que reinara nos últimos dias, quando trabalhava com o gado em marcações e outros misteres, coureando muitas reses que morriam ao serem lidadas no campo. O paciente tinha ambos os olhos comprometidos e, após o tratamento, o escritor lembrava que, no quarto dia, o doente – que era visto a passar pelas ruas sempre guiado por outro, fazia grande reclame para o nome de Dourado, a dizer que estava vendo e, com a loquacidade própria dos camponeses orientais, quando alegres, fazia referências que atingiam ao milagre. No entanto, tendo em vista o início da deflagração revolucionária, o médico não conseguiria terminar o tratamento, afirmando que tivera de abandonar o doente, uma vez que milhares de brasileiros, emigrados, como ele, buscaram, com armas na mão, conquistar o direito de viver ou morrer na pátria, pois os homens que governavam a nação não o consentiam senão com obediência servil. Declarava o escritor que tivera de acompanhar os rebeldes e partilhar a sorte deles nos três longos anos daquela luta cruel que a história dos povos modernos talvez não registrasse por ser vergonhosa para o caráter humano, onde se falava em liberdade e república¹⁸.

¹⁷ DOURADO, 1899. p. 7-9.

¹⁸ DOURADO, 1899. p. 9-11.

Dentre os casos em que Ângelo Dourado diagnosticou a *oftalmia virulenta*, esteve também o de uma menina de oito ou nove anos, filha de um estancieiro que aparecera em seu consultório acompanhada do irmão, por sua vez acometido por outros males. Descrevendo o “estado linfático da doentinha”, o olhar sempre amortecido, de acordo com a linguagem vulgar, junto à moléstia de seu irmãozinho e companheiro de folguedos, o médico destacava o fato de que as preocupações com a saúde não eram uma prioridade no seio da sociedade gaúcha, afirmando que não o haviam procurado antes porque entre a população, as doenças dos olhos só eram julgadas dignas de atenção quando entravam em sua última fase, quando as ulcerações da córnea provocavam fotofobias ou quando a vista era privada, contando-se então o tempo da ulceração como o início da doença, ou seja, tomavam o fim como princípio¹⁹.

O caso da menina, “filha de um estancieiro”, seria discrepante em relação ao conjunto das pessoas atingidas pelo mal diagnosticado por Dourado, mas ele logo identificaria na causa da moléstia uma identidade com as demais. Narrava o médico que, acerca da doentinha e da origem da doença, era de se notar que nas casas dos estancieiros, mesmo residindo eles na cidade, diariamente vinham trabalhadores do campo, carreteiros, que ali pernoitavam ou iam comer ou tomar mate. Nessas oportunidades, os peões afagavam as crianças, trazendo-lhes presentes nos bolsos da bombacha de trabalho, quando não fosse o próprio pai que voltava do campo e as tomava ao colo, ainda com as roupas que estiveram em contato com os couros ou com o laço com que lidavam as reses²⁰. Dessa forma, o autor permanecia na defesa de sua tese quanto ao conteúdo social da moléstia que estudava.

Os dois últimos casos analisados por Ângelo Dourado lhe firmaram a convicção de que a oftalmia que tratava diferia de todas as outras em relação à marcha e sintomas, tendo sua origem em produtos animais especiais. Um deles era o de um operário italiano de vinte e oito anos de idade, que, apesar de forte, robusto e sadio, poucos dias eram decorridos depois que começara a sentir a inflamação do seu olho direito e o incômodo corrimento de líquido que lhe banhava a face. Procedendo ao tratamento, o médico narrava que o paciente questionara-lhe a respeito dos fatores de seu mal, descrevendo o escritor que o doente, moço inteligente, notava a esquisitice de sua moléstia, perguntando-lhe qual seria a sua causa, depois de ter descrito tudo que se tinha passado em sua vida relativamente a moléstias, não

¹⁹ DOURADO, 1899, p. 12-13.

²⁰ DOURADO, 1899, p. 14.

tendo tido senão, alguns anos antes, uma pequena manifestação venérea de que se curara perfeitamente²¹.

A resposta de Dourado fora no sentido de que não tinha certeza sobre a causa de tal enfermidade, atribuindo-a a princípios mórbidos formados em outros animais, dizendo ao paciente que era muito fácil estar em contato com pessoas que estivessem empregadas no serviço do campo ou que lidassem com o gado no matadouro. Diante da afirmação do médico, o imigrante teria argumentado com vivacidade que ele mesmo era uma dessas pessoas, já que o seu serviço era o de cuidar de carnes numa fábrica de conservas, sendo ele, inclusive, quem ia às carroças buscar os quartos de reses para levar ao laboratório²². Mais uma vez ficavam confirmadas as hipóteses do médico quanto ao mal que diagnosticava.

No mesmo dia em que atendera o operário italiano, Dourado foi chamado para ver uma jovem senhora de nacionalidade espanhola, mas residente no Brasil desde a infância, que casara havia menos de um mês. A paciente tinha os mesmos sintomas dos casos anteriores, tendo alguém lhe dito que aquilo era efeito do *ar* e que com rezas poderia passar, no entanto, depois de algumas sessões a rezadeira teria declarado, em vista do aumento da moléstia e das dores horríveis que ela sofria, que não era *ar*, porque se o fosse teria sem dúvida cedido à magia de suas rezas e que, portanto, convinha procurar um médico. Não encontrando pontos de contato entre os dois doentes, o escritor acabaria por descobrir que o marido da jovem enferma era negociante de gados, tendo açougue e fornecendo carne para a fábrica de conservas onde trabalhava o italiano²³.

²¹ DOURADO, 1899. p. 14-15.

²² DOURADO, 1899. p. 15-16.

²³ DOURADO, 1899. p. 16-17. Sobre o esposo de sua paciente, Dourado afirmava: “É um rapaz trabalhador, e conquanto a família possua alguma fortuna, contudo ele não se poupa, e quando falta pessoal ou abunda o serviço ele mesmo atira-se ao trabalho. Naqueles poucos dias tinha tido pedido urgente de carnes para a fábrica, e ele mesmo levava os quartos de carne à carroça que os devia conduzir”. Enfatizando as causas da moléstia, o autor detalhava as circunstâncias do contágio: “Ali mesmo, diante da minha enferma, que sofria dores e desanimava-se, e do marido compungido em vê-la tanto sofrer, eu remonteime à fonte provável donde originara-se a infecção. Eu vi aquele rapaz, robusto, louro, vestido asseadamente, talvez a gravata branca que trazia quando acompanhou a esposa ao meu consultório, no seu trabalho, este trabalho cruel, de ver os magarefes abatendo reses no matadouro, os pés sujos, no sangue e nos detritos, agarrando ele mesmo os quartos de reses para distribuir pelos açougues, manchando suas roupas nas carnes; depois correr à casa onde o esperava a esposa, ainda noiva, formosa, com quem se casara por afeto, abraçá-la, senti-la repousar-lhe no peito a face, enquanto ele afaga-lhe com carícias; e aquela face pôr-se em contato com a roupa que estivera em contato com a carne da rês, talvez doente, antes de ser abatida; mas mesmo quando não o fosse, já contendo produtos

Para Ângelo Dourado, a *oftalmia virulenta* era uma moléstia que ainda não atingira a sua maioridade, uma vez que, transmitida do gado ao homem, precisava aclimatar-se para poder desenvolver-se, e declarava-se convicto de que as moléstias virulentas, como todos os seres, tinham fases no seu desenvolvimento, precisando portanto de tempo para se completarem. Insistia o autor em determinar o contato com reses mortas como o elemento de contágio daquela modalidade mórbida²⁴. Defendia sua tese, no caso das carnes levadas ao açougues, sustentando que as reses abatidas no matadouro faziam uma longa viagem, onde recebiam contusões, apresentando a carne sinal delas, nem só pela coloração, como pela degenerescência da gordura, e, às vezes, até existência de pus. Explanava também que o gado que era encaminhado aos açougues permanecia no curral muitos dias sem comer e sem beber, depois de uma longa marcha, ficando portanto sujeito à *autofagia*, e, desse modo, tendo em si elementos cadavéricos, capazes de infeccionar indivíduos predispostos por qualquer motivo²⁵.

A atuação de Dourado revelava facetas do que era ser médico no Rio Grande do Sul da virada do século, num quadro em que o saber e o ver, a palavra e a distância organizavam as relações lentamente instituídas entre o médico e o doente, assinalando uma operação na

cadavéricos, e daí aquela inflamação violenta que talvez a cegaria; ou então, se o cansaço do trabalho, e os costumes não permitissem aqueles afagos, ela, a jovem esposa, dona de casa e por isto a melhor serventúria, escovando, limpando a roupa do marido, com que devia voltar para o trabalho. Não querendo por uma indiscrição aumentar a mágoa de ambos, dizendo a que atribuía a causa da moléstia; receoso, porém, de que o sofrimento dela aumentasse a ternura do marido, como era natural, aconselhei-lhe que não se pusesse em contato com as roupas com que fosse ao açougue, que não as trouxesse mesmo para casa, porque assim poderia agravar a moléstia. E eu tinha receio de que o outro olho fosse por este modo afetado, e recomendei-lhe o emprego de tudo que pudesse afastar a causa; até o lavamento de suas mãos em águas antissépticas para poder aproximar-se da esposa” (p. 17-18).

²⁴ Ainda a respeito de doenças advindas do contato com o gado morto, Dourado lembrava uma dermatite violentíssima que atacava indivíduos que trabalhavam no campo, a qual era atribuída a uma árvore chamada de aroeira, hipótese da qual discordava o autor: “Na guerra civil que sustentamos na esperança de melhorar o destino da nossa pátria, durante três anos estivemos em companhia juntamente com milheiros de companheiros, sempre em contato com as aroeiras ou pela sombra ou pela lenha, e nunca observamos um caso desta dermatite tão temida. Na nossa volta do Paraná, quando no meio da floresta tínhamos de acampar nos lugares que serviam de acampamento da vanguarda e muitos aproveitavam restos de algumas reses que os primeiros, mais felizes do que nós, encontraram por ali e carnearam, notei três casos desta dermatite, o que fazia admirar aos sofreadores que não se lembravam de ter visto aroeira a que se chegassem. É bem provável, portanto, que esta dermatite seja uma infecção de origem animal e não uma irritação por princípio vegetal, como eles julgam” (DOURADO, 1899. p. 23-24).

²⁵ DOURADO, 1899. p. 23-24.

qual o sofrimento vem a ser um objeto e em que o vestígio passava a ser recoberto pela certeza científica. Desse modo, no ato terapêutico, como na constituição e na afirmação do saber como tal, procedimentos homólogos repetiam o mesmo acontecimento, constituindo estratégias frente ao corpo. Assim, a relação cotidiana entre o médico e o doente concentrava-se no fazer aparecer a natureza da doença, fazendo também emergir o princípio mórbido oculto no corpo, bem como manifestar a espécie da moléstia, buscando que o mal viesse a ser expelido do corpo do paciente²⁶.

Ângelo Dourado foi esse médico que, em diferentes momentos e dependendo também das circunstâncias que sua agitada vida política permitia, manteve consultórios nas mais diversas localidades gaúchas, desde pequenas comunas até as maiores cidades, como no Rio Grande, em Bagé e em comunidades da fronteira e até além dela, quando teve de emigrar por suas convicções partidárias. No caso da *oftalmia virulenta*, Dourado revelava tanto a face do médico-cientista que buscava demarcar os elementos constitutivos da moléstia e registrá-los na forma de uma publicação, intentando também demonstrar a superioridade da ciência sobre as credices populares, como a do clínico que prestava assistência aos pacientes, no seu caso, independentemente do matiz social ao qual estes pertenciam.

Acostumado às agruras da guerra e às realidades dos rincões gaúchos, o médico-revolucionário-escritor identificava nas causas da *oftalmia virulenta* uma das facetas da pecuária rio-grandense, base econômica provincial/estadual, ligada às precárias condições de higiene que na época cercavam essa atividade. Saúde e doença transparecem com um pano de fundo social no livreto de Dourado, num cenário em que a moléstia normalmente estava ligada aos trabalhadores que, com menos ou mais posses, do peão ao açougueiro, tinham em suas funções sociais um mal iminente em potencial, ao qual, por razões de sobrevivência, não tinham condições de fugir. Fosse nessa breve e muito pouco conhecida publicação, fosse na sua mais famosa obra – *Voluntários do martírio* –, considerada quase como um clássico sobre a Revolução Federalista, as figuras do Ângelo Dourado político e do Ângelo Dourado médico mostravam-se indissociáveis, refletindo coerência discursiva na defesa de uma causa, na adoção de uma postura oposicionista em relação aos detentores de poder e na expressão de uma visão crítica acerca das mazelas sociais que atingiam o Rio Grande do Sul daquela época.

²⁶ REVEL, Jacques ; PETER, Jean-Pierre. O corpo: o homem doente e sua história. In: LE GOFF, J.; NORA, P. (dir.). *História: novos objetos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 147-148.